

Literatura

Por Luisa Destri

Quando a loucura se torna lucidez

No que define como "absurdo verossímil", Ermano Cavazzoni questiona a realidade a partir da fantasia aparentemente sem sentido



"Ler, assim como escrever, tem freqüentemente uma função curativa, ajuda um pouco a sarar", disse Ermano Cavazzoni a respeito da revista de literatura *O Simples*, por ele dirigida e publicada na Itália. O mesmo pode-se dizer de seu romance *O poema dos*

lunáticos: que possui as propriedades similares às do *medicamentum simplex* – em latim, ervas cultivadas por frades nas hortas.

Por trás disso está não apenas a noção da literatura como um estímulo para o desenvolvimento do pensamento, como também para a própria loucura – com a qual o livro, originalmente publicado em 1987, guarda íntima relação.

As quase 400 páginas de *O poema dos lunáticos* foram concebidas porque o protagonista, Savini, tem uma hipótese: "Esta coisa muito estranha que, provavelmente, ninguém acreditará, mas existem escritos em garrafas no fundo dos poços". E é por ela que parte, esperançoso, no final de agosto, pelas águas subterrâneas que, influenciadas pela lua, acabam tendo força sobre toda a vida das pessoas.

Não menos telhado do que ele, há Nestore: um homem que passou a infância sobre os telhados, observando a cidade, e quando adulto se apaixonou por uma "locomotiva", uma mulher, na verdade, mas que funcionava como um locomotor, descarrilhando para fora do sofá e soltando apitos e fumaça. A esposa cujo ritmo maquinal ele não suportou. Ela o abandonou por outro; ele intensificou sua paixão sensual pelos eletrodomésticos.

O prefeito Gonnella, de quem Savini se torna uma espécie de funcionário e fiel escudeiro (antes de se arrepiar com o clichê, pense em Dom Quixote e Sancho Pança), e ao lado de quem desbravará os limites de uma administração que ainda vai se estabelecer. Antes de assumirem o poder, devem delimitar esse território.

Apesar do título, o que Cavazzoni escreve é um romance. Mas um romance *nonsense*: aquele da tradição iniciada com Lewis Carroll e suas Alices. Essa composição com ares de loucura está presente no enredo, na composição das personagens, no desenvolvimento da narrativa e também na própria realização lingüística. E se explica na fala do protagonista: "Na minha opinião, e eu já tinha explicado, há uma lógica em

cada assunto, e basta saber um pedaço dele e todo o resto conseqüentemente surge. Então, se vê aquilo que é verdadeiro e aquilo que o será um dia".

Os títulos dos capítulos ilustram o estilo de Cavazzoni e o gênero desse livro: "Os fatos como me parecem", "Sim, pensava muito e confusamente", "A aparição do prefeito, que é um novo capítulo". Em geral, retomam a última linha do capítulo anterior.

Aparentemente sem nenhuma lógica, o livro transborda sentido. A despeito da impressão que desperte quando solto, um trecho sobre o prefeito, que lhe explique a vida e o comportamento, tem total coerência com o personagem e os fatos por ele vivenciados. Como este, sobre ter se acostumado a ficar alerta durante o sono: "Eu dormia, mas aprendi a ficar desperto em um braço, fazendo uma operação de desarticulação. Basta pensar, quando se vai para a cama e começa a cair no sono, que o braço é o rabo de uma lagartixa que, mesmo quando se separa do resto e cai no chão, continua a se mexer sozinho como uma cobrinha e a lutar por sua conta, por exemplo, como um felino de caça".

É mais ou menos como os sonhos: aparentemente loucos e desconexos, às vezes nos assustam com sua coerência profunda e reveladora. Quando tentamos descrever o que nos significam, eles nos escapam. Mas fica a atmosfera, o resíduo da experiência que, embora longe da compreensão, nos faz pensar e sanar episódios de realidade.

Mais do que uma brincadeira desprezível com a linguagem ou um trabalho lúdico dos sentidos, o *nonsense* tem função central. Para prová-lo, há os trechos em que o autor reapresenta, numa espécie de paródia, fatos históricos.

Visigodos, incas, Al Capone, Garibaldi, batalha de Waterloo, Judas Iscariotes, com nova ótica ou certo desvio de conteúdo, devolvem ao leitor a lembrança do contato com a realidade e (já que se trata de cura) a necessidade de questioná-la. O famoso episódio da derrota de Napoleão, por exemplo, é narrado do ponto de vista de um senhor que tem o hábito de deixar seu jardim impecável. A lógica da guerra aparece, portanto, como um sistema de vingança contra aquele que fez os maiores estragos nos arbustos, nas flores: a cavalaria que destruiu a maior parte do gramado.

Questões sobre o poder aparecem também nas intenções de Gonnella e Savini. Eles pretendem

implantar, na "prefeitura celeste", a "lei do cetro" – normas implacáveis, determinadas sem discussões pelo prefeito Gonnella e orientadas a acabar com todos que não se submetem à sua maré. Por mais lunáticos que sejam – o que despertando a simpatia do leitor lhes confere uma espécie de honestidade –, não estão imunes à lógica do resto da humanidade.

No mundo das águas, há diversos povos. Os cadeados, os espectros que habitam torneiras, os nômades voadores, as madonas. Os velhos também constituem uma realidade à parte, espécie de patrulheiros, encarados pelo prefeito Gonnella como inimigos, "aranhas tecendo teias": "Eles a fazem com a saliva, fios muito longos e tão finos que praticamente, para o nosso modo de ver, nem existem. [...] é como se essas teias invisíveis tocassem você de leve, e a pessoa se sente amarrada e não mexe mais os olhos de um modo totalmente natural".

Esses velhos não precisam aparentar muita idade. Pelo contrário, podem ser jovens ou quarentões. Seu poder consiste em agarrar as pessoas com a baba, fazendo com que sejam parte da mesma congregação (o outro lado é o dos lúcidos, contra os quais estão os aventureiros dessa história). O que os companheiros vêem ao longo de sua jornada é um mundo simulado. As pessoas são atores e os espaços, cenários. A naturalidade de alguns episódios, como o de uma mãe brigando com o filho na rua, causa-lhes espanto. A lucidez desses personagens consiste em um exercício para distinguir o que é falso do que é verdadeiro. Invariavelmente, a autenticidade está ligada ao *nonsense*.

Desde o início do livro, quando Savini apresenta seu projeto de investigar as águas, fica evidente a proximidade entre o que é da noite, do subterrâneo, e o inconsciente. Antes de encontrar o prefeito, o protagonista havia procurado um pároco para fechar um acordo sobre seus planos. O religioso concordou: os sons misteriosos vindos de baixo o mantinham acordado, questionando-o sobre as atitudes que tomara ao longo do dia. Por isso concluiu que os poços deveriam permanecer fechados. Dessa forma, os rapazes e as moças também poderiam se aproximar deles sem que fossem atraídos pela poderosa influência das águas noturnas. Em sua opinião, seria melhor substituir os poços por lívidas fontes. Imaginava que o protagonista seria seu aliado. Naturalmente, o que aflige um homem como o pároco é o que vem da lua, do misterioso, da fantasia e do desejo. Mas Savini não se adequou. Não conseguia dormir, sentia a agitação subterrânea assomar-lhe à cabeça. Aos poucos, perdeu a capacidade de ver a lua. Decidiu ir embora, atrás de sua aventura. Seu projeto era libertador.

O poema dos lunáticos
Ermano Cavazzoni
Ateliê Editorial/ 408 páginas

Trecho da obra

“ Os dias que se seguiram foram tão densos e imperscrutáveis, tão encavalados uns sobre os outros, que tento aqui apenas desembaraçá-los, e pelo menos distinguir as noites dos dias, a insônia, como se verá, dos sonhos que tive.

No campo, é claro que a noção de tempo é mais aproximativa, e assim eu também não era totalmente dono de mim, dos meus sentimentos.

Oscilava, e continuei a oscilar e ondular em torno ao baricentro de minha mente.

Mas então, para voltar às nossas aventuras que já se faziam prementes, o prefeito tinha decidido que a única coisa a fazer, vista toda a situação intrincada, era ficar ali nas redondezas vigiando a pizzeria, sobretudo na hora do almoço, para parar o estudante quando chegasse, e saber qual era o segredo de Garibaldi que ele nos havia prometido. Porque alguma coisa devia haver que valesse a pena, se haviam armado o maior pandemônio de golpes e desordens, a fim de que não a contasse.

“Não é verdade?”; o prefeito me perguntava.

E eu dizia que sim, que eu também achava isso, mas só até certo ponto. E isso por causa da minha perplexidade. De qualquer modo, enquanto estávamos ali vigiando, podíamos nos abrigar nos feneiros, nos palheiros, em meio às gavelas e às panículas, e por aí afora, nos lugares mais cômodos e convenientes que se podia encontrar. De modo a ser possível nesse meio tempo manter os olhos na pizzeria.

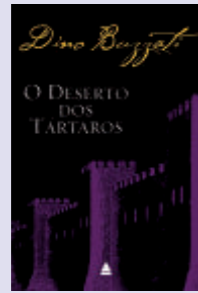
Assim, dizia o prefeito, era possível ver até os retoques que talvez dessem na fachada, se a repintavam, se acrescentavam mais um andar, janelas, ou outras coisas, outros escritos, disfarçadamente, para que ficassem mais sugestivos e atraentes, e cair em cima de outros idiotas que fossem ali para almoçar ou para comer pizza como se não houvesse nada. E enquanto isso se divertem às custas desse passageiro com a sua encenação, dando a ele, quem sabe?, uma pizza de carregação feita somente para completar o espetáculo.

Então, essa idéia de ficar nos campos também me agradava, porque me acostumei a ficar ao ar livre e a apreciar o campo à noite e de dia.

A estratégia, então, era a de vigiar o local, ficando emboscado além da estrada. E já naquela tarde mesmo começou um novo capítulo, que consistia em ficar esperando. ” (p. 239)

O Forte das ilusões

Clássico da literatura italiana, *O deserto dos tártaros*, de Dino Buzzati, é uma inquietante alegoria sobre o destino do homem



Quantas histórias se tornaram possíveis quando um homem, na iminência de partir, decidiu ficar? É o caso de Giovanni Drogo, um oficial do exército que, logo após sua nomeação, foi enviado ao forte Bastiani, onde nenhum graduado gostaria de estar. Poderia ter pedido dispensa após alguns meses de serviço (era seu plano). Mas não quis. E sua vida se tornou, na verdade, a história do que poderia ter sido e que não foi.

Nesse forte, localizado à frente do Deserto dos Tártaros, que divide o Norte e o Sul, nada acontece. Está isolado por sua geografia e abandonado pelo comando militar. Os homens em serviço passam os anos esperando pela guerra que dará sentido à sua existência. E seguem rigidamente as regras da corporação. Drogo, como os outros, entusiasma-se com qualquer movimento no horizonte. Um barulho ou uma mancha podem ser o anúncio de uma batalha. Como os outros, habitua-se a estar apartado do mundo, a viver uma rotina inexorável.

Esperanças vãs e regras inócuas. Esses são os pilares do forte e o cotidiano desses soldados. Em um primeiro nível, *O deserto dos tártaros*, publicado em 1940, pode ser lido como uma

crítica severa de Dino Buzzati ao militarismo. De maneira mais profunda, porém, é possível compreendê-lo como uma alegoria sobre a própria existência.

A circularidade dos acontecimentos remete a um tempo mítico. Assim como a constante correspondência entre o ânimo das personagens e a descrição das paisagens. O forte, além disso, é como um ponto flutuante: é difícil crer que tenha algum ponto de conexão com a realidade.

A vida desses homens (e de todos os outros) é um jogo entre a esperança e o arrependimento. A morte, uma ironia: única possibilidade de realização do desejo de ser herói.

Tártaro designa, na mitologia, uma das três partes do reino de Hades (como é chamado o inferno grego). A essa região eram condenadas as almas que cometessem os piores crimes. Vivendo um eterno suplício, esperavam que sua culpa fosse expurgada.

A diferença entre os tártaros de Buzzati e o da mitologia grega é a água. Os primeiros são um deserto árido. O de Hades tinha, ao menos, um rio: o Letes, rio do Esquecimento.

O deserto dos tártaros
Dino Buzzati
Nova Fronteira/ 251 páginas

Uma oportunidade para a moça imatura

Em romance leve e rápido, jovem autora italiana narra problemas que podem ser os de qualquer mulher



Tanto barulho por Tullia é o mais recente título de Ilaria Borrelli, que, além de escritora, é atriz e diretora de cinema. Seu primeiro romance, *Scosse*, de 1999, recebeu menções em alguns concursos e levou o prêmio do Clube Literário Italiano.

Tullia é jornalista e fotógrafa, casada há dez anos com Luca, a quem recusa qualquer possibilidade de ter um filho. Feminista, acredita que perderá sua identidade se der à luz um bebê: seu tempo será tomado, ela precisará parar de trabalhar e seu relacionamento e sua felicidade irão por água abaixo.

Aos 30 anos, é mimada, orgulhosa e egoísta. Escreve para uma revista masculina, e não desiste de ver aí uma possibilidade de ascensão. Ingênua, acredita que aos poucos poderá, com pautas sobre política e economia, mudar o perfil da publicação. Vive em embates com a mãe, a irmã e o chefe machista.

Eis que, logo nas primeiras páginas, seu marido sofre um acidente: alpinista, Luca entra em coma após escorregar em um desfiladeiro. Mas deixa um diário com revelações.

As descobertas dizem respeito menos a ele do que a ela. Na tentativa de aproximar-se das verdades sobre seu marido, Tullia entende melhor a si mesma e adquire as ferramentas para se desenvolver.

O romance, narrado em primeira pessoa, não é segmentado em capítulos. A história pode ser lida em algumas horas e passa-se em dois dias, dividindo-se entre o amadurecimento exigido da narradora-protagonista e episódios que cairiam bem em um conto de fada.

O barulho de Tullia é como tantos outros que já ouvimos. A própria personagem é uma mulher como muitas que conhecemos. A história do livro, igualmente. Mas, ainda assim, é possível extrair dele um pouco de diversão.

Tanto barulho por Tullia
Ilaria Borrelli
Editora Globo/ 154 páginas

Diálogos entre deuses

Em prosa poética, Cesare Pavese empreende investigação sobre natureza humana a partir da mitologia clássica



Protetora dos navegantes, Ino Leucotéia salvou Ulisses de um naufrágio. Ele saíra da ilha de Ogígia e, após a revolta de Posídon, perdera seus companheiros e sua jangada no mar tempestuoso. Conhecida como Deusa Branca, Ino deu-lhe um véu, com o qual, à deriva, o herói chegou à ilha dos Feaces.

Nesse breve episódio, narrado na *Odisséia*, ainda estão envolvidos diversos personagens: Calípsos, a deusa com quem o herói permaneceu na primeira ilha; Palas Atena, cuja interferência

permitiu que Ulisses continuasse sua jornada; o próprio Zeus, Hermes e toda a linhagem tebana da qual Ino Leucotéia descende (aquela de Édipo, desde o início atormentada à custa das relações entre pais e filhos).

É este o universo de *Diálogos com Leucó*, de Cesare Pavese. Um livro composto por 27 diálogos, geralmente entre deuses e personagens da mitologia. Não se trata de uma recuperação dessas histórias, como fizeram tantos estudiosos. Mas de investigações: entre romance e interpretação, o autor cria situações que extrapolam o mito e a Antiguidade.

O resultado são breves reflexões a respeito do destino do homem e de sua relação com os

deuses. Orfeu, no capítulo "O inconsolável", dá novo significado ao momento em que, infringindo a recomendação de Hades, olhou para Eurídice antes que saíssem juntos do reino dos mortos: "Pensava na vida com ela, como era antes; que outra vez terminaria [...] Valia a pena reviver de novo? Pensei nisso e vislumbrei o lusco-fusco do dia. Então disse 'Termine de uma vez!' e me virei. Eurídice desapareceu como se apaga uma vela". Adiante, explica seu sofrimento retratado pela tradição como consequência de ter desperdiçado a chance de fazer reviver a mulher amada: "Eu procurava, chorando, não mais ela, mas a mim mesmo. Um destino, se quiser. Ouvia-me". Nosso destino, que não nos permite ter certezas senão a respeito da morte, e o enfado dos deuses, que de tempos em tempos exigem para seu gozo sacrifícios humanos, formam o "núcleo

do pessimismo trágico de Pavese", como define Maurício Santa Dias no prefácio à edição brasileira.

Trata-se de um livro de difícil leitura, em que são necessários conhecimentos mínimos da mitologia sob o risco de os diálogos se tornarem coleções de máximas com pouco sentido. Há de se ter em mente as diferenças entre o deus que conhecemos e os deuses da mitologia, que se comportavam muitas vezes como os homens e freqüentemente agiam com crueldade.

É como se todos fôssemos a Ariadne abandonada por Teseu. Quando Leucotéia lhe pergunta "O que espera dos deuses?", ela responde: "Eu não espero mais nada".

Diálogos com Leucó
Cesare Pavese
Cosac & Naify/ 232 páginas